

O que é literatura infantil (1986), de Ligia Cademartori: um primeiro passo sedutor João Luís Ceccantini

Como citar: CECCANTINI, J. L. O que é literatura infantil (1986), de Ligia Cademartori: um primeiro passo sedutor. *In*: MORTATTI, M. R. L.; BERTOLETTI, E. N. M.; OLIVEIRA, F. R. (org.). **Clássicos brasileiros sobre literatura infantil (1943-1986)**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 329-350. DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-5954-021-1.p329-350>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

10.

O que é literatura infantil (1986), de Ligia Cademartori: um primeiro passo sedutor

João Luís Ceccantini

Uma década decisiva para o estudo da literatura infantil brasileira

Se os anos 1970 costumam ser frequentemente apontados como a década do *boom* da literatura infantil nacional, no sentido de que aquilo que poderíamos chamar de *o subsistema da literatura infantil brasileira*¹⁰⁷ vive nessa época um processo de grande afirmação, renovação e expansão de títulos de literatura infantil produzidos por uma geração de escritores de primeiro escalão, talvez os anos 1980 também possam ser considerados um ano de *boom* editorial, mas, nesse caso, no que concerne ao campo dos estudos teóricos, críticos e históricos sobre literatura infantil em nosso país.

No terreno da produção *de* literatura infantil brasileira, costumamos associar os anos 1970 a autores hoje já plenamente consagrados por público e crítica, tais como Lygia Bojunga, Ana Maria Machado, Ziraldo, Marina Colasanti, Ruth Rocha, Bartolomeu Campos Queirós, Sylvia Orthof, João Carlos Marinho, Edy Lima, Wander Piroli, Vivina de Assis Viana, Joel Rufino dos Santos, Eliane Ganem, Sérgio Capparelli, entre tantos outros.

¹⁰⁷ *Subsistema* é a adaptação, com razoável grau de liberdade, que se faz aqui do conceito de *sistema* caro a Antonio Candido no conjunto de sua obra.

No campo do discurso *sobre* literatura infantil produzido por autores brasileiros, poderíamos seguramente destacar também, num movimento equivalente ao que se passou na década de 70 com o crescimento da produção literária de escritores *de* literatura infantil, um conjunto muito significativo de pesquisadores que se dedicaram à investigação da literatura infantil, produzindo na década de 1980 diversas obras teóricas sobre o assunto. É natural imaginar, portanto, que a expansão e a excelência alcançadas por esse campo de investigação teórica nesse período sejam resultado, de modo mais ou menos direto, do imenso crescimento verificado no âmbito da produção literária.

Os novos pesquisadores da área produziram trabalhos que causaram grande impacto em seu público alvo, preenchendo, em parte, a lacuna bibliográfica existente sobre *literatura infantil*, na época. Alguns deles se tornaram referência absoluta sobre o assunto, tais como, por exemplo, Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Fúlvia Rosemberg, Edmir Perrotti, Nelly Novaes Coelho e Lígia Cademartori. E é precisamente de autoria de Lígia Cademartori um pequeno – mas muito oportuno – livro que se elege aqui para ser comentado: *O que é literatura infantil*. Trata-se de obra destacada no conjunto da produção desses autores que renovaram os estudos de literatura infantil na década de 1980 e que obteve muito sucesso tanto no terreno das Letras quanto no da Educação, ao vir a público num momento efervescente do universo da literatura infantil nacional.

A primeira edição do livro deu-se em 1986, com sua publicação pela Editora Brasiliense. O título alcançou a 7ª edição em 2010, quando foi lançada uma nova edição, revista e atualizada,

que ainda circula nos dias de hoje, pela mesma Brasiliense, sendo apresentada também em formato eletrônico (kindle)¹⁰⁸. Tem-se, nessa longevidade, a medida concreta do sucesso editorial alcançado pela obra, num mercado em que, muitas vezes, os livros teóricos revelam desempenho acanhado. Para além disso, o exame da obra como um todo, permite compreender o papel que desempenhou no conjunto dos estudos da área e o modo como vem responder ao contexto histórico e social em que se insere.

Um volume inserido na Coleção Primeiros Passos

Lígia Cademartori (1946-2015), gaúcha, foi professora universitária (Universidade de Caxias do Sul e Universidade de Brasília), atuando na área das Letras, além de ter sido ensaísta, crítica literária, tradutora e coordenadora/assessora em nível municipal, estadual e federal de inúmeros projetos ligados à área de fomento à leitura, formação de leitores, alfabetização e letramento literário, dentre muitas outras atividades. Em particular, essa função de coordenadora/assessora de projetos ligados à leitura deve ser levada em conta para se compreender plenamente a gênese de um título como *O que é literatura infantil* e as opções que faz a autora para abordar seu objeto, buscando contemplar tanto aspectos vinculados ao universo das Letras quanto ao da Educação.

¹⁰⁸ Para fins deste estudo, optou-se por considerar apenas a primeira edição, de 1986, cujo texto foi publicado sem modificações por cerca de 24 anos. A segunda edição, de 2010, seguramente obteve menor impacto sobre seu público alvo, na medida em que o universo de livros teóricos sobre literatura infantil disponíveis no mercado se revela muito maior e diversificado, contando, inclusive, com muitas obras de pesquisadores estrangeiros traduzidas para o português.

Já havendo publicado uma obra sobre literatura infantil de sua autoria em parceria com Regina Zilberman, também texto fundador nessa área de estudos – *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação* (1981) –, Cademartori aceita o convite da Editora Brasiliense para dar corpo ao volume 163 da já então célebre Coleção Primeiros Passos, importante feito editorial que agitou o mercado brasileiro de livros nos anos 1980, criando um modelo editorial que fez escola. Tal modelo de coleção foi amplamente imitado e obteve repercussão duradoura.

Andrea Lemos Xavier Galucio, em sua tese de doutorado sobre duas editoras muito prestigiadas na história editorial brasileira – Brasiliense e Civilização Brasileira –, apresenta as linhas gerais da configuração da Coleção Primeiros Passos:

A Coleção Primeiros Passos (CPP) foi criada, nesse contexto, em 1979, por Caio Graco Prado, com o objetivo de ampliar e divulgar para um público maior o conhecimento sobre temas específicos relacionados àquele momento de transição política. A Coleção apresentava de forma menos acadêmica, porém aprofundada, sob o título “o que é”, temas como: capitalismo, socialismo, sindicalismo, dialética, política cultural, ideologia, nacionalidade, tortura, poder, cultura, revolução, ditadura, participação política, imperialismo, entre outros (...). Buscava-se, assim, estimular o interesse de um público jovem em saber mais sobre esses assuntos para melhor refletir sobre a própria conjuntura.

Inicialmente, os títulos foram solicitados pelo editor aos autores e, posteriormente, vários autores, manifestaram-se e enviaram novas propostas ao editor. Segundo Yolanda Cerquinho Prado, atual presidente da Brasiliense, este trabalho editorial de Caio Graco era realizado em parceria com Luis Schwarcz, na época

funcionário da empresa, até sua saída em 1986 para fundar sua própria editora, a *Companhia das Letras* (GALÚCIO, 2010, p. 238).

Sobre as características peculiares e inovadoras da Coleção Primeiros Passos, particularmente aquelas ligadas ao modo como deveriam ser abordados os temas focalizados, vale destacar que com

[...] a mudança da linguagem – e da própria linha editorial da Brasiliense, até então centrada nas obras de Monteiro Lobato e Caio Prado Jr. –, propiciou-se a possibilidade de mudança da mentalidade. Com a *Primeiros Passos*, por exemplo, temas áridos, tratados de forma árida, ganharam nova roupagem, mais adequada aos novos tempos e aos novos leitores. Dessa forma, chamava a atenção de um público que antes se afastava da leitura não por falta de interesse, mas por falta de sedução (ROLLEMBERG, 2008, p. 3).

O que é literatura infantil revela total sintonia com o projeto editorial da Coleção a que se integra, na medida em que o tema posto em pauta e a abordagem por ele recebida vêm contribuir plenamente para um tipo de reflexão que se instaura no momento de transição política vivido então pelo Brasil. Após os famigerados *anos de chumbo*, grandes questões nacionais são trazidas para a ordem do dia no debate público, em diversas esferas e segundo uma perspectiva renovada e engajada, permitindo – face aos ventos políticos mais liberais – um enfrentamento mais cru e realista de questões crônicas que afetavam o país.

Dentre esses problemas, avultava a questão do *analfabetismo* no Brasil¹⁰⁹ (não entrara em voga efetivamente, entre nós, ainda, o conceito de *letramento*), um grande e urgente desafio a ser superado e que era debatido nas mais variadas instâncias da sociedade. Buscavam-se soluções em diversos setores para um problema atávico que constituía sério obstáculo para o desenvolvimento do país em todos os níveis – do cultural ao econômico. Não surpreende, pois, que um título como *O que é literatura infantil* venha a integrar uma coleção como a Primeiros Passos, alinhando-se a outros tantos volumes empenhados em – ao focalizarem seus variados objetos – não se restringirem a abordagens monológicas e/ ou puramente imanentistas, mas, sim, preferirem discutir esses objetos segundo uma perspectiva pluralista e que valoriza sua inserção em contextos históricos e sociais específicos.

Sob esse ângulo de análise, a obra demonstrou possuir um perfil que foi capaz de atingir um grande contingente de leitores ao longo do tempo, tendo o que dizer, com competência e uma linguagem simples e objetiva, tanto a leitores ligados aos Cursos de Letras quanto aos Cursos de Pedagogia/Educação (incluídos aí os cursos de Magistério¹¹⁰ então vigentes à época), assim como a variados profissionais que lidam com crianças, entre eles bibliotecários, animadores culturais, escritores e ilustradores. Ao não se restringir a tratar da literatura infantil apenas do ponto de vista estético, como, por vezes, optavam por fazer pesquisadores da Área

¹⁰⁹ Ao final da década de 1980, no país, mais de 20% dos brasileiros (cerca de 30 milhões de pessoas, à época) eram consideradas analfabetas. E isso, para não tratar do percentual do número de analfabetos funcionais, o que elevaria esses números muito mais...

¹¹⁰ À época a formação dos professores das séries iniciais da escolarização não era obrigatoriamente realizada no Ensino Superior, mas no Ensino Médio profissionalizante (então denominado 2º Grau).

de Letras geralmente munidos de certa visão beletrista, linguagem hermética e metodologia acessível quase que apenas a iniciados, mas nem tampouco tentar, por meio de um enfoque simplório, subordiná-la à visão utilitária dos que a viam apenas como um instrumento pedagógico destinado a veicular um sem-número de “conteúdos” às crianças, Cademartori preferiu explicitar essa tensão. Problematizou-a de modo a torná-la compreensível a um público amplo e, ao longo das unidades que dão corpo ao texto, conseguiu configurar o objeto na sua complexidade, chegando a um enfoque bem equilibrado e esclarecedor desses dois polos, tal como se espera de uma boa obra de iniciação.

O conjunto da obra

A obra é organizada em 6 breves capítulos, além de uma unidade final em que são apontadas “Indicações para leitura”, correspondendo, de um modo geral, à bibliografia teórica que serviu de apoio à elaboração desse volume da Coleção Primeiros Passos, ainda que nem sempre sejam citados os autores consultados ou se verifique a reprodução de fragmentos. Compõem o volume os seguintes capítulos: “Apresentação” (4 páginas); “Literatura infantil em voga” (10 páginas); “A questão do adjetivo” (12 páginas); “Começou com Perrault” (10 páginas); “A produção nacional” (23 páginas); “Literatura nos primeiros anos” (22 páginas).

Apresentação

Para fisgar seu potencial leitor e poder conduzi-lo prazerosamente a uma reflexão sobre a natureza da literatura infantil,

a autora parte de exemplos bastante universais que se fazem presentes no imaginário de um sem-número de leitores e acabaram por extrapolar o universo da literatura, avançando para outras formas de fabulação, como o cinema, os desenhos animados, o teatro, a música popular, ou seja, os muitos produtos gerados pela indústria cultural de um modo geral. São citados, entre outros, Cinderela e Peter Pan a título de ilustração. Uma vez conquistado, o leitor depara com uma explanação objetiva, enxuta e precisa sobre a natureza da literatura infantil, que abarca os principais aspectos geralmente discutidos pelos teóricos do gênero:

A principal questão relativa à literatura infantil diz respeito ao adjetivo que determina o público a que se destina. A literatura, enquanto só substantivo, não predetermina seu público. Supõe-se que este seja formado por quem quer que seja interessado. A literatura com adjetivo, ao contrário, pressupõe que sua linguagem, seus temas e pontos de vista objetivam um tipo de destinatário em particular, o que significa que já se sabe *a priori*, o que interessa a esse público específico.

Como, geralmente, o autor de literatura infantil não é criança e escreve para criança, a ausência de correspondência entre autor e leitor gera indagações que se aprofundam quando se considera o lugar de dependência da criança no mundo social (CADEMARTORI, 1986, p. 8-9).

Como se percebe, o esforço maior da autora consiste em advertir para o fato de que o adjetivo pode acabar por restringir o conceito de literatura em vez de expandi-lo, filtrando tudo aquilo que pode entrar ou não nesse campo, à imagem do que aconteceu em outros momentos da história da literatura e da leitura, como, por

exemplo, no caso da Biblioteca das Moças, em que era “censurado” o que a mulher podia ler ou não.

Literatura infantil em voga

Ligia Cadermatori evoca uma questão fulcral para destacar o papel bastante relevante que a literatura infantil adquire no Brasil dos anos 80, destacando não apenas “a venda sem precedentes de livros para criança”, mas também a proliferação de associações voltadas ao incentivo da leitura infantil, de eventos sobre o assunto e a inclusão de cursos sobre literatura infantil nas faculdades. Aponta que esses fatos são produto de um contexto político-social e, particularmente, educacional que desemboca em “altos índices de analfabetismo” que impedem que “o Brasil ingresse em uma efetiva fase de desenvolvimento” (CADERMATORI, 1986, p.11).

Cademartori destaca o fracasso de políticas governamentais no âmbito da Educação que remontam à década de 1960 e se espraiam pelo início dos anos 1970, conferindo especial atenção ao MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), à expansão massificada e pouco exigente do Ensino Superior privado e ao acanhamento das iniciativas no âmbito do ensino básico. Como aponta a autora:

Apesar disso, nos anos 70, segundo os dados do Sindicato Nacional dos Editores de livros (SNEL), o negócio com o livro prosperou. A que atribuir isso? Isso pode ser atribuído a dois fatores: primeiro, à crescente ampliação da classe média, aumentando o número de consumidores de livros e, segundo, ao aumento do nível de escolaridade, como decorrência da

reforma do ensino. Os níveis de evasão escolar, contudo continuavam alarmantes (CADEMARTORI, 1986, p. 15).

Face ao problema do subdesenvolvimento cultural e à grande incapacidade da sociedade brasileira de reversão das condições de iletrado do adulto, a autora salienta a guinada de perspectiva assumida nas políticas educacionais brasileiras da época:

Mudou-se, então, a estratégia; a atenção, o cuidado e a esperança voltaram-se para o ensino básico, reconhecido como decisivo para educação. E a ação pedagógica, junto à criança, voltou a privilegiar o livro como elemento imprescindível ao crescimento intelectual e à afirmação cultural. Surgem programas culturais de promoção da leitura tanto de iniciativa privada, quanto de iniciativa do Estado.

É nesse cenário que a literatura infantil passou a ser, nesta década [de 70], um filão para estudos, seminários e publicações (CADEMARTORI, 1986, p. 14).

A escritora aponta que, na década de 1970, se realiza um sem-número de iniciativas ligadas ao fomento da leitura e da literatura infantil na esfera das políticas educacionais em diversos níveis – ensino básico, médio e superior. O que permitiu que a literatura infantil “invadissem” os pórticos da Universidade sob a forma de eventos, cursos, teses, sendo o gênero valorizado crescentemente, como até então nunca se tinha visto no Brasil. Apesar disso, alerta que não se pode absolutamente perder de vista que o livro infantil é antes de tudo um objeto de mercado:

Seus produtores são agentes que se inserem na dinâmica do mercado do sistema capitalista e tendem à produção do mais lucrativo. À medida que cresce o movimento educacional em torno do livro para criança, este, que é produzido para o mercado, e dele recebe cerceamentos ou incentivos, responde em proporção à demanda. E é assim que livro infantil passa a ser brinde de sapólio e que lojas populares de tecidos passam a distribuir histórias impressas para os filhos de suas clientes. As preocupações pedagógicas coincidem com o descobrimento, pelo mercado, da criança como móvel do consumo. A faca e o queijo.

O mercado, naturalmente, apresenta-se tão diversificado para esse produto como para os demais. Ao lado de edições cuidadosas, tanto do ponto de vista gráfico quanto da estética literária, há o impresso que, destinado ao público infantil, não tem, contudo, compromisso com os traços que afirmam a literatura infantil como um gênero literário. Portanto, nem tudo que circula como livro destinado à criança é, de fato, literatura infantil. Há, no mercado, muita gratuidade e produções que não vão além do lugar-comum estético e ideológico (CADEMARTORI, 1986, p. 17-18).

Explicitadas as diversas considerações da autora acerca da valorização que a literatura infantil passa a usufruir na sociedade brasileira nos anos 1970 e 1980, em diferentes âmbitos, tais como seu valor de mercado, sua entrada no meio acadêmico, a criação de associações que a legitimam e o papel importante que pode exercer no contexto geral de combate ao analfabetismo, Cademartori tem o cuidado de não cair num discurso laudatório a seu respeito. Prefere advertir o leitor para que atente que as funções essenciais da literatura são de outra natureza:

O inegável vínculo da literatura infantil com a educação não deve conduzir a que se pense que o texto para criança passou do esquecimento para o papel de subsidiário da educação formal. Sua natureza literária já o coloca além dos objetivos pedagógicos comprometidos com a legitimação das instituições, costumes e crenças que a geração adulta quer legar à infantil.

A escola é lugar de consagração do *status quo*, sua vocação é acentadamente conservadora, pois incumbe-se de garantir a permanência do que já está estabelecido. A literatura, por sua vez, propicia uma reorganização das percepções do mundo e, desse modo, possibilita uma nova ordenação das experiências existenciais da criança. A convivência com textos literários provoca a formação de novos padrões e o desenvolvimento do senso crítico

[...]

Se, adquirindo o hábito de leitura, a criança passa a escrever melhor e a dispor de um repertório mais amplo de informações, a principal função que a literatura cumpre junto a seu leitor é a apresentação de novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais. É nessa dimensão que ela se constitui em meio emancipatório que a escola e a família, como instituições, não podem oferecer (CADEMARTORI, 1986, p. 18-20).

A questão do adjetivo

Se percorrermos um conjunto expressivo de obras teóricas sobre literatura infantil – nacionais e estrangeiras – observaremos que muita tinta foi gasta para discutir, em diferentes graus de profundidade, a profusão de sentidos e questões provocados pela justaposição do adjetivo *infantil* ao substantivo *literatura*. Também

Cademartori não se esquivava desse desafio e alcança uma formulação bastante esclarecedora sobre o problema que havia tangenciado na Introdução e, então, retoma com mais agudeza:

O adjetivo, já ensinava nossa antiga professora, determina o substantivo, qualificando-o. Quando fala em literatura infantil, através do adjetivo, particulariza-se a questão dessa literatura em função do destinatário estipulado: a criança. Desse modo, circunscreve-se o âmbito desse tipo de texto: é escrito para a criança e lido pela criança. Porém, é escrito, empresariado, divulgado e comprado pelo adulto. A especificidade do gênero vem dessa assimetria, sendo que todas as diferenças, tensões e intenções da relação adulto/criança manifestam-se, também, na literatura infantil.

A relação adulto/criança é caracterizada por um jogo de forças no qual a criança é dependente, marcada que é física, intelectual, afetiva e financeiramente pela carência (CADEMARTORI, 1986, p. 21-22).

Em realidade, a associação do adjetivo *infantil* ao substantivo *literatura* conduz de forma direta à problematização ao aspecto estrutural de maior relevância para a compreensão da literatura infantil: a assimetria adulto/criança, que ecoa em todas as dimensões do subsistema *literatura infantil*.

Se o homem se constitui à proporção da formação de conceitos, a infância se caracteriza por ser o momento basilar e primordial dessa constituição e a literatura infantil um instrumento relevante dele. Desse modo, a literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade. Se a

dependência infantil e a ausência de um padrão inato de comportamento são questões que se interpenetraram, configurando a posição da criança na relação com o adulto, a literatura surge como um meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento.

A questão da assimetria adulto/criança, porém, particulariza, por via da distorção, o acesso ao conhecimento mediado pela literatura. O caráter formador da literatura infantil vinculou-a, desde sua origem, a objetivos pedagógicos. Ora, isto cria uma tensão entre o saber sobre o mundo da literatura (que diz que o “o mundo é assim”) e o ideal da pedagogia (que diz “o mundo deveria ser assim”). Tal tensão é o grande desafio da obra destinada ao público infantil que, não solucionado, muitas vezes abala o seu próprio estatuto literário (CADEMARTORI, 1986, p. 23-24).

Para exemplificar a concepção do que considera uma boa obra de literatura infantil e avaliar em que medida se resolvem (ou não) num dado texto as tensões explicitadas como a dimensão básica a ser considerada na constituição de uma obra infantil, Cademartori elege três títulos clássicos associados ao gênero e que possuem perfis bem distintos: *Contos para a infância* (1875), de Guerra Junqueiro (1850-1923); *As aventuras de Tom Sawyer* (1876), de Mark Twain (1835-1910); e *Alice no país das maravilhas* (1865) de Lewis Carroll (1832-1898).

Começou com Perrault

Neste capítulo, Cademartori dedica-se a explorar particularmente a ligação da literatura infantil com os contos de

fadas, na medida em que, para os leigos no assunto, contos de fadas constituem praticamente um sinônimo de literatura infantil. A abordagem da pesquisadora, principalmente de caráter histórico, procura enfatizar aspectos essenciais, tais como o fato de que, na origem, ou seja, na tradição oral, os contos de fadas eram destinados aos adultos, ainda que também fossem apreciados por crianças e jovens.

É enfatizado ainda que, no processo de adaptação à escrita desses contos de origem popular, por escritores como o francês Charles Perrault (1628-1703) ou os alemães Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), os “Irmãos Grimm”, as histórias sofrem um processo de *adaptação*, com a modificação de diversos de seus elementos. Destaca-se nesse processo o acréscimo de conteúdos didático-moralizantes e ajustes na composição de personagens, cenários e motivos, que se tornam mais próximos do universo burguês do qual emergem seus letrados adaptadores e se revelam mais afinados com seus valores. É reiterado ao leitor o processo de transformação que sofrem os contos:

Quando se consideram as narrativas coletadas, portanto, é preciso levar em conta dois momentos: o momento do conto folclórico, sem endereçamento à infância, circulando entre adultos, e, mais tarde, a adaptação pedagógica com direcionamento à criança. É no segundo momento que surge o caráter de advertência, fazendo com que a personagem que se afaste das regras estabelecidas seja punida, como no conto *Chapeuzinho Vermelho*. Maravilhosos ou humorísticos, os contos populares, antes da coleta, destinavam-se ao público adulto e eram destituídos de propósitos moralizantes (CADEMARTORI, 1986, p. 40).

A produção nacional

O propósito central da autora, nesta unidade, é destacar o papel fulcral que desempenha o escritor paulista Monteiro Lobato (1882-1948) na consolidação de nossa literatura infantil e também apresentar ao leitor um pequeno conjunto de autores notáveis e obras de qualidade da literatura infantil brasileira contemporânea.

Quanto ao papel fundamental de Lobato no subsistema da literatura infantil nacional, Cademartori não mede palavras para valorizá-lo:

A literatura infantil brasileira inicia sob a égide de um dos nossos mais destacados intelectuais: Monteiro Lobato. Se isso, por um lado, prestigiou o gênero no seu surgimento, por outro, fez com que, após Lobato, por muito tempo, a literatura infantil brasileira vivesse à sombra de seu nome (CADEMARTORI, 1986, p. 43).

Sobre a originalidade do projeto lobatiano, no que diz respeito à literatura dirigida a nossas crianças, a pesquisadora esclarece:

O revolucionário da obra de Lobato ganha maior abrangência na literatura infantil que ele inaugura entre nós. Rompendo com os padrões prefixados do gênero, seus livros infantis criam um mundo que não se constitui num reflexo do real, mas na antecipação de uma realidade que supera os conceitos e os preconceitos da situação histórica em que é produzida. O esforço na compreensão crítica do passado permite, em suas histórias, um redimensionamento do presente, que, por sua vez, torna possível a prospecção, ou seja, o olhar para o futuro. A

consciência social de Lobato levou-o a ter um cuidado especial com o leitor. A convicção a respeito da importância da literatura no processo social, a visão do livro como um meio eficaz de modificar a percepção, confere ao destinatário um lugar particularmente importante em seu mundo ficcional (CADEMARTORI, 1986, p. 49-50).

A moral de Lobato não é absoluta, está centrada em uma verdade individual. Suas personagens seguem uma moral de situação na qual a liberdade é o grande valor. Este é o segredo do progresso do Sítio: a criatividade e a liberdade de seus habitantes. O mal reside na ignorância, no subdesenvolvimento, no pensamento encarcerado em valores absolutos (CADEMARTORI, 1986, p. 52).

Como é possível perceber, a autora explicita a importância de Lobato para a literatura infantil nacional, autor cujo projeto literário é tão genial que o transformou numa espécie de “cânone instantâneo”, cuja influência sobre as gerações de escritores que o sucederam foi tão avassaladora que levou ao menos duas décadas para que surgisse uma nova geração de autores capaz de estabelecer um diálogo produtivo e criativo com sua obra. Uma vez feita essa observação, Cademartori discorre sobre alguns autores brasileiros e obras relevantes em circulação em meados dos anos 1980. São citados: Eva Furnari, com *De vez em quando*; Angela Lago, com *Outra vez*; Juarez Machado, com *Ida e volta*; Sylvia Orthof, com *Uxa, ora fada, ora bruxa*; Joel Rufino dos Santos, com *O saci e o curupira*; Chico Buarque, com *Chapeuzinho Amarelo*; Fernanda Lopes de Almeida, com *A fada que tinha ideias*; Ruth Rocha, com a série dos Reizinhos; Ziraldo, com *O menino maluquinho*; Sérgio Capparelli, com *Vovô fugiu de casa*; Lygia Bojunga, com *A bolsa*

amarela. Isto para, a título de exemplo, elencar aqui apenas alguns dentre os muitos autores referidos e a citação de apenas uma obra primorosa de cada um deles.

Literatura nos primeiros anos

Ainda que cada uma das unidades que compõem o livro possua um razoável grau de independência em relação aos demais, prestando-se à leitura isolada, este capítulo – alentado – possivelmente seja aquele que possua maior autonomia na comparação com os demais. Isso se dá porque, mais do que tratar de forma específica da literatura infantil em si, Cademartori se empenha em “explicitar qual poderia ser a relação da literatura com a criança a partir do início da escolaridade”. Assim põe-se em curso uma discussão das mais pertinentes, mas não exatamente voltada a dissecar o fenômeno da literatura infantil propriamente dita.

Trata-se de uma em reflexão de caráter prioritariamente metodológico, empenhada em desvendar tanto a natureza quanto as funções em jogo no que se refere a diversos conceitos ligados à Educação, à Linguística e à própria Literatura – considerada neste capítulo sobretudo de modo geral e não quanto ao específico infantil. Dentre esses conceitos, discutidos na sua inter-relação, pode-se citar aqui, a título de exemplo: escola, língua, escrita, fala, oralidade, alfabetização, texto, literatura, atividade linguística primária, atividade linguística básica, jogo, opacidade linguística, potencialidade linguística, ludismo verbal, função poética da linguagem, desenvolvimento cognitivo, brinquedo, relações entre linguagem verbal e visual. Nesta unidade é possível inferir o quanto

a atuação profissional de Cademartori no campo das assessorias sobre projetos de formação de leitores e atividades afins está na base da necessidade que sente de, numa obra que busca explicar o que é literatura infantil, encampar também a discussão sobre a a função que ela pode vir a exercer no contexto da educação nacional e a apresentação ao leitor de uma série de conceitos envolvidos nesse processo.

Considerações finais

Ao final deste breve exame de *O que é literatura infantil* é preciso reconhecer que merece elogios, na concepção do volume, a convicção de Lígia Cademartori em optar por uma abordagem de ampla visada do objeto *literatura infantil* para apresentá-lo a um iniciante no tema. Muito mais cômodo teria sido uma abordagem unidirecional da literatura infantil, fundamentando a análise de um conjunto de textos “clássicos” com a teoria de um ou mais autores teóricos canônicos – brasileiros ou estrangeiros – desse campo de estudos. No entanto, Cademartori preferiu correr riscos e se deu bem na empreitada, ao optar por um enfoque multidisciplinar da literatura infantil já em meados da década de 1980, o que só seria tornado mais comum no exterior e no Brasil alguns anos mais tarde.

No volume, seguramente alguns enfoques do objeto foram priorizados na comparação a outros, que foram tratados mais rapidamente, sem, contudo, que se deixasse de sugerir ao leitor – direta ou indiretamente – essas outras possibilidades de abordagem. Prevaleram a abordagem histórica, sociológica, literária e

educacional, em oposição à psicológica, linguística e artística¹¹¹. Mas, no conjunto, é preciso dizer que a aposta ousada da autora foi muito bem sucedida, o que é confirmado por vários fatores. Dentre eles: pelas grandes e sucessivas tiragens feitas a partir da primeira edição do livro; pelo fato de haver sido feita uma segunda edição revista e atualizada; pela sistemática citação da obra nas referências bibliográficas de artigos de divulgação e artigos científicos, dissertações, teses e obras sobre literatura infantil.

Pode-se dizer que, a obra cumpriu e vem cumprindo com competência seu propósito – plenamente afinado à natureza da Coleção Primeiros Passos – de iniciação do leitor a um tema, fornecendo-lhe informações essenciais a seu respeito, mas sem o compromisso da verticalização da análise. O que, fica implícito, se daria numa etapa posterior, inclusive a partir de sugestões bibliográficas presentes nos volumes da coleção. E, mais do que isso, caberia às obras da coleção não apenas tratar de seu objeto com rigor científico e por meio de uma linguagem objetiva e fluente – fugindo, portanto, do recorrente hermetismo acadêmico –, mas também construir uma dimensão sedutora para o objeto, capaz de cativar o neófito no assunto e levá-lo, num processo de continuidade, a se enveredar por outras leituras, de textos mais verticais, que lhe permitissem compreender o tema em pauta com maior profundidade.

O que é literatura infantil cumpre bem esse papel e não me furto a expor meu caso pessoal, ao registrar que, por ocasião do lançamento do título, em 1986, ainda aluno de Graduação em

¹¹¹ No sentido de “artes plásticas”, em que se analisa o texto não verbal na sua correlação com o texto verbal, assim como a materialidade do livro.

Letras, foi a primeira obra teórica que li sobre o assunto. Seu poder de sedução foi, sem dúvida, bastante eficiente: constituiu o vigoroso pontapé inicial que me empurrou para, ao longo de mais de três décadas, conhecer, ler e pesquisar verticalmente a literatura infantil nacional e estrangeira, tornando-me um estudioso regular do tema.

Referências

BARÃO, Janaína Rédua Madeira. *Bibliografia de e sobre Lígia Cademartori (1946-2015): estudo introdutório*. 2015. 70 f.

Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia) - Faculdade de Filosofia e Ciências/Campus de Marília - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, Marília, 2015.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

GALUCIO, Andréa Lemos Xavier. *Civilização Brasileira e Brasiliense: trajetórias editoriais, empresários e militância política*. 2010. 220 f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

ROLLEMBERG, Marcello Chami. Um circo de letras: a Editora Brasiliense no contexto sócio-cultural dos anos 80. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 31., 2008, Rio Grande do Norte. *Anais [...]*. Natal: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008, p. 1-14.

